



Disrupções ou interrupções¹

A palavra «disrupção» descreve o modo como algumas famílias, durante o período de pré-adoção (desde a chegada da criança a casa até aos seis meses seguintes), concluem que não têm capacidade para tomar conta da criança que receberam e desistem do processo de adoção. Chama-se «interrupção» ao momento em que depois da pré-adoção os pais adoptivos desistem de tomar conta das crianças. Nalguns países existem centros de apoio para as interrupções, que têm o objectivo de ajudar na reunificação familiar. As disrupções /interrupções/ dissoluções (desadopções ou devoluções, como lhe chamam algumas crianças), não deveriam ter lugar no processo de adoção.

Factores comuns que podem levar a uma disrupção:

- Expectativas erradas dos pais;
- Não resolução do luto pelo filho biológico (em casos de infertilidade);
- Falta de comunicação entre o casal, e entre o casal e a equipa de adoção;
- A sua dificuldade em fazer um tipo de parentalidade terapêutica;
- Atrasos ou incapacidade de vinculação da sua parte;
- Não estar preparado para o adiamento da gratificação parental;

- Falta de informação, de preparação e de apoio pós-adoção;
- Pensarem que as coisas não vão mudar;
- Descoberta de que a criança foi vítima de abuso sexual e incapacidade de lidar com os seus comportamentos sexualizados (estigmatização dos comportamentos da criança);

E ainda:

- Um ou ambos os pais temem pela sua segurança física, ou pela dos seus outros filhos (adoptivos ou biológicos);
- O casal teme pela continuidade do seu casamento ou relação / deterioração da relação do casal;
- O casal considera que os comportamentos desafiantes da criança adoptada são intencionais, e que têm o objectivo de atacar a família;
- Tendência, por parte dos pais, para atribuir uma patologia a comportamentos das crianças que podem ser relativamente normais ou uma consequência da sua dificuldade de vinculação. Podem acreditar que a criança tem Transtorno Desafiador de Oposição, Transtorno Bipolar, Transtorno de personalidade sociopata, entre outros. Os pais passam a ler a criança à luz desses rótulos.

Outros factores são:

- A disrupção parece ter lugar quando a mãe adoptiva atinge o seu limite ou ponto de ruptura, quando se sente sobrecarregada e incapaz de melhorar as coisas;
- Existem casos em que os pais mais velhos chegam à conclusão de que não têm energia suficiente para lidarem com os seus filhos desafiadores.

¹ Este material pode ser reproduzido livremente, mediante referência a adoptareacolher.pt.

Os pais devem informar-se, evitar idealizar o processo e saber que há coisas que **levam muito tempo** a curar. Cabe aos pais adotivos procurarem ajuda junto das equipas de adopção e de outros pais, formando uma rede que lhes permita fazer face aos problemas vividos no dia-a-dia.

Alguns estudos têm demonstrado que as crianças que foram devolvidas se encontram (apesar de muitas vezes não o mostrarem) vinculadas aos seus pais e que a segunda rejeição tem consequências extraordinariamente dolorosas nas suas vidas. Por isso, é preciso:

- **Pensar antes** de adoptar;
- **Não idealizar**;
- **Saber pedir ajuda**;
- **Falar com outros pais adotivos**;
- **Readequar expectativas**;
- Procurar perceber se a sua **forma de parentalidade** é adequada à adopção.

Reconhecer as etapas que podem levar a uma disrupção

LUA DE MEL:

Os primeiros meses são vividos por todos com expectativas altas, alegria e entusiasmo.

DIMINUIÇÃO DA ALEGRIA:

A atmosfera em casa começa a mudar. Os pais começam a sentir tensão nas suas interacções com a criança e aquilo que parecia engraçado começa agora a ser irritante e frustrante. Muitas vezes, nesta fase os pais adotivos não partilham as suas preocupações com ninguém fora da família, julgando que é uma fase que vai passar.

A CRIANÇA É O PROBLEMA:

A relação com a criança começa a deteriorar-se. Cada coisa negativa que a criança faz (de birras a comportamentos desafiantes) se torna intolerável. A criança sente estas tensões, o que aumenta a sua ansiedade e, logo, o seu comportamento negativo. Os pais sentem que a criança os rejeita e começam a reagir demasiado ao menor problema.

EXPOSIÇÃO PÚBLICA:

Os problemas dentro da família começam a ter impacto na vida pública da família. Os comportamentos negativos da criança são testemunhados pela família, amigos, escola, etc. Isso gera frustração e embaraço. Os conselhos que a família recebe podem levá-la inconscientemente a considerar que a criança é o problema.

PONTO DE VIRAGEM:

A família continua a desfazer-se. A criança vê-se envolvida num «acontecimento crítico» - mentir, roubar, apresenta comportamentos sexualizados - que os pais há muito esperavam. A criança atravessou uma linha e os pais sentem que não há esperanças para uma relação saudável. O conflito permanente coloca barreiras ao surgimento de relações mais reais. Caminha-se para a dissolução.

O ULTIMATO:

Os pais estabelecem uma fronteira limite para os comportamentos da criança, ou o seu comportamento melhora ou a criança terá de se ir embora. Com frequência, estas exigências são pouco razoáveis (que a criança nunca mais se zangue ou se porte mal).

A CRISE QUE PÕE UM FIM À RELAÇÃO ADOPTIVA:

A criança não consegue cumprir o prometido e tem lugar algo que põe fim à adopção. A família decide remover a criança. Todos os envolvidos na dissolução sentem dor: a criança sente-se zangada, confusa e rejeitada, os pais sentem-se zangados, culpados e aliviados.

Se as equipas e as famílias souberem reconhecer estes sinais pode-se evitar a disrupção. As equipas devem perguntar aos pais:

- ▶ Que elementos de stress sentem com a criança?
- ▶ Que outros elementos de stress podem dificultar a relação?
- ▶ Que expectativas tinha e como se encontra a readequá-las?
- ▶ Como se encontra a relação entre o casal?
- ▶ Que apoio pode dar ao outro membro do casal?

- ▶ Que sucessos tiveram com a criança desde que ela chegou? Anote num caderno as coisas boas de cada dia.
- ▶ Como cresceu como pessoa desde a adopção? E como pai/mãe?
- ▶ Que apoio adicional pode a mãe (ou o elemento do casal que se sente mais sobrecarregado) receber?
- ▶ Existem outras famílias adoptivas por perto que possam ajudar o casal?

FONTE: Jayne Schooler. *Wounded Children, Healing Homes: How Traumatized Children Impact Adoptive and Foster Families* (p. 123).

Devem-se criar protocolos que sirvam para **diminuir o impacto terrível da disrupção** na cabeça das crianças:

- A equipa que acompanha o processo **deve ajudar os pais, no sentido de estes assumirem a responsabilidade** pela sua decisão;
- As crianças **não devem ser** responsabilizadas;
- Deve dizer-se que os pais **não reuniam as condições necessárias** para tomar conta delas.